

O TRABALHADOR GRAPHICO

Órgão da União dos Trabalhadores Graphicos

ANNO III

SÃO PAULO — QUARTA-FEIRA, 21 DE FEVEREIRO DE 1923

NUM. 16

Nós e elles

Os srs. industrias de typographia, obsinados na sua rota de incoherencias, acabam de fundar nesta capital a sua associação de classe.

E' evidente que os srs. industrias reconhecem na solidariedade e na união o valor affirmativo de uma força constituída e para elle appellando, como ta o de salvação, solemnemente demonstram a inanidade dos seus ataques ao baluarte syndical dos operarios graphicos.

Estes, cerrando fileiras em torno da bandeira rubra das reivindicações economicas e sociaes, cumprem uma necessidade collectiva e humana com a qual collimam um fim regenerativo e emancipador cuja essencia reside nos elevados principios da equalidade, da justiça e do direito.

Ao contrario, os srs. industrias nada mais significam em seu gesto unificativo senão lo proposito em que se acham de converter em aquellos que enriquecem, num labor esfaulante de todos os dias, em escravos de gleba, em negroides modernos sujeitos á peor das tyrannias e das explorações: trabalhar dia e noite sem interrupção a troca de um salario que mal chega para lhes enganar o estomago, bem como ás suas inzeiferas familias.

Ora, não reconhecendo os srs. industrias, estribados em razões de cabo de esquadra, a associação dos operarios graphicos — como podem estes, por sua vez, reconhecer a associação que aquellos organisaram? Se o valor juridico de uma é igual ao da outra, visto terem ambas os seus estatutos em regra, qual o qualificativo que merecem os mesmos srs., quando petulante mente insistem em afirmar que não conhecem por nenhum principio, a organização syndical das victimas imbelles da sua insaciavel ganancia, do seu indomavel egoismo?

Aqui, nesta duplicidade de orientação, ha evidentemente designios que não escapam á nossa analyse profunda, embora simples e modesta. Mas enganam-se redondamente os srs. industrias suppondo que desse modo conseguirão embair a consciencia da classe graphica. Toda elle sabe muito bem quanto valem os argumentos patronaes. Recorrendo ao embuste, á hypocrisia, e

á mystificação, os srs. industrias apenas darão força ás reclamações que lhes são dirigidas collectivamente e dahi a sua derrocada pouco restará, porque a ninguém elles lograrão dominar ou por outra, destruir o animo.

A classe graphica em peso corresponderá aos srs. industrias com reciprocidade de attitudes e gestos. Uniram-se elles para combater as justas aspirações dos escravos que lhe supportam o chicote? Pois bem. Que estes façam outro tanto, galharda e aliveamente, na defesa sagrada do seu direito á vida. O resultado disso não se fará esperar — e para

logo havemos de véro polvo da exploração espojar-se a nossos pés com os tentaculos todos destrocados.

E' pesado e estafante a tarefa que incumbe aos operarios graphicos. Mas elles que não esmoreçam nem se acaborem na luta emprehendida, se quizerem de futuro fruir dias mais ditosos e gozarem uma existencia de menos atribulações e sacrificios. Unidos, solidarios, cohesos — a victoria será certa!

Avante, pois! O caminho é para a frente!

SPARTACUS.

A' margem da grève

Interessante, curiosa, impagavel é a attitude patronal em face das reivindicações justissimas dos infelizes obreiros que lhe supportam o peso do tacho. Que reclamam estes? Mais um pouco de bem-estar. E o que recebem? Insultos, calumnias, ameaças.

A proposito da grève typographica, de novo ficou evidenciado que para a burguezia sugadora não ha direitos outros que valham, depois dos que lhe respeitam. Sendo simiescos esgares, esboçando gestos proprios de histriões, teve ella a inaudita petulancia de vir a publico dizer aos seus escravos em revolta que retornem ás senzalas a soffrer, como d'antes os vexames do chicote da tyrannia e da exploração.

Sobre o augmento de salarios, garantias pessoais, reconhecimento associativo, ella, a burguezia, nada disse. E por quê? Simplemente por falta de argumentos logicos e rasoaveis. Tal procedimento, edificante como o que mais o são, é o symptoma real da sua propria derrota. Se ella não aceita a discussão livre dos motivos que de erminaram a grève, é por que para isso lhe falta o necessario ponto de apoio.

E este, digam o que disserem, não pôde ser outro senão o que se segue: a prova de que as reclamações operarias são de algum modo exageradas. Isso não fará a burguezia nem mesmo recorrendo aos seus systematicos embustes e mystificações. A verdade é uma só. Assim, pois, a grève ha de ser victoriosamente assignalada, e

a classe graphica incorporada ao numero dos que desfructam já uma vida de equitativo conforto.

A ganancia dos apatacados industrias contra quem se assentam agora as baterias operarias ha de mais dia e mais dia ceitar aos lindinos dictames da consciencia.

Póde a lucta durar bastante. Póde a reacção fazer-se sentir em toda as suas ignominias. Quanto peor, melhor. Tudo será devidamente pago, como é de justiça, pois se é permitido aos industrias encarecer já todos os artigos do seu ramo, conforme estamos scientificados, tambem aos grevistas será oportuno, amanhã, quando a victoria lhes sorrir, impôr a lucta dos vencimentos pelo dias consiguídos no movimento.

A dignidade da classe graphica não admite comparações de nenhuma especie. Enganam-se por isso os burguezes que a opprimem ao suporem ser-lhes facil tripudiar sobre ella, menosprez-a publicamente, achincalhando-a com secções livres capciosamente redigidas. Enquanto persistirem na sua insolente attitude para com a associação que representa a classe graphica é inutil lancar mão de estratagemas mais ou menos desmoralisadas com o fim de resolver o conflicto. Este continúa e continuará, porque assim é necessario e indispensavel. De resto, estando a União Graphica igualmente constituída, que nos importará que os patrones escravocatas a não queiram reconhecer? Por ventura isso influirá alguma coisa na

decisão da grève? Basta que a não impugnem os senhores da lei — e elles o não podem fazer pelos motivos allegados — que o resto nada valerá. Mas, não fique sem resposta a insinuação de que a União Graphica não tem a sua frente pessoas idoneas. O que entendem os patrones pelo vocabulo idoneo? Ter muito dinheiro, sem duvida.

Ora, valha-lhes um burro aos coices! O dinheiro não é o que dá a idoneidade a ninguém: é o caracter, o brio, a dignidade. O individuo que tem dinheiro é quasi sempre um inscruptulo, ás vezes um ladrao. Na classe graphica, é certo, todos são pobres. Se fossem ricos não trabalhariam, como não trabalham os patrones. Será por serem ellems úteis que faltam aos graphicos idoneidade? Mas, se assim é, os patrones rocam pelo local da degradação e do vilipendio e não podem ser tomados a serio nas suas pretensões escravagistas, porque carecem de autoridade moral que fortifica e consolida todas as collectividades humanas.

Decididamente, esses senhores perderam o senso commun e ainda conservam a persuasão de que os operarios são hoje, como eram hontem, simples burros de carga. Não admittem que os seus escravos sintam anseios libertadores, nem que diante da crise economica que os asphyxia, levantem a grunpa e passem a peljar a batalha santa das reivindicações que lhe são affectas. Nesse particular, os patrones equipararam-se aos bandoleiros que na estrada exigem ao viandante — a bolsa ou a vida. Elles, que tudo encarecem e tudo espesinham, vivendo por ali como nababos, esbanjam tartamente com prostitutas elegantes e bebidas capitosas o ouro surripado ao suor dos obreiros. E depois, os ignobes sacrilicantes, negam-se a reparir uma mizalha dos seus sobejos com quem lhes aguenta a usurpação debaixo de um silencio que só é quebrado quando o espectro negro da fome tenta á viva forza implantar as lagrimas e o soffrimento nos lares humildes e desprotegidos!

Não. A grève dos graphicos é uma questão vital para a classe em geral. Manter cerradas as fileiras, na mais estreita communhão de idéas e pensamen-



União dos Trabalhadores Graphicos de São Paulo

Registrada sob N. 657, no Regisiro Geral de Hypothecas e Titulos, em 2 de Setembro de 1919, e publicados os seus estatutos no "Diario Official" do Estado de São Paula, em 27 de Agosto do mesmo anno.

tos; manter firmeza na grande luta emprendida contra os inimigos da civilização e do progresso; manter em eclosão o espirito emancipador ora posto em prova dignificadora; tudo isso, em resumo, será coroado de exito completo ao verem os patrões que os tempos já são outros e que as massas já não dormem embaldadas por cantos de serenas de fabula, antes, bem accordadas reclamam tambem o seu logar permanente no banquete da vida, visto que o sol nasce para todos e não somente para alguns.

Mais uns dias, pois, e a victoria estará ganha. Deitem-se ao desprezo os arreganhos dos *mus-solines* industriaes, porque o que tem de ser tem muita força. É justa, justissima, a causa que levou os graphicos a romper o conflicto. Portanto, haja confiança, haja fé no esforço e na tenacidade propria que dias melhores surgirão sem mais de longas. Ainda desta vez havemos de ver a classe graphica dignificada e engrandecida, apta, por isso, a fazer-se respeitar em outras emergenciaes em qua a ambição patronal intente subjugar ao carro da sua oppressão e despotismo. Avante, pois. A luta é a vida!

A. C.

**A emancipação dos
trabalhadores ha de
ser obra dos proprios
trabalhadores.**

Fallecimento

O nosso companheiro Luiz Diego, da Casa Siqueira, passou pelo desgosto de perder o seu idolatrado filho Fernando, fallecido hontem. O sepultamento da inditosa criança terá logar hoje, ás 17 horas, saindo o feretro da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 392, para o cemiterio do Araçá.

Ao presado camarada, aqui deixamos a expressão do nosso pesar.

Ponderações

feitas no comicio da nossa classe, realizado no dia 19, pelo companheiro Damasceno Vieira

Companheiros!

Desde que iniciamos o grande empreendimento para o reerguimento enobrecedor da nossa classe é a primeira vez que vos dirijo algumas palavras.

Julgava que ellas, no meio do nosso levante moral pouco ou nada poderia adiantar na marcha das cousas e conservei-me calado. Hoje, porém, diante da altitude covarde e mesquinha em que pretende collocar-se o patronato do nosso ramo, eu vos quero fallar, não porque seja um competente para isso, mas, somente, para junto a vós, dar o meu voto de protesto contra essa chantagem desprezível com que esses senhores pretendem confundir a verdadeira causa que nos levou ao presente conflicto. A ameaça que, por meio de quatro ou cinco linhas emnuadadas em tarjas negras nas columnas dos nossos diarios em nada veio diminuir o entusiasmo de que estamos possuidos para a defeza intransigente do nosso ideal sacrosanto. Enquanto nós, de portas abertas, realizamos as nossas reuniões, com a franqueza leal d'aquelles que defendem uma causa justa, elles, os industriaes, sentindo o peso da nossa acção solidaria, conservam-se de *etocai-a*, imbuídos na mais frizante desorientação para, com arreganhos que só nos causa compaixão, lançaram á nossa classe a nuvem do temor.

Jogaram a sua ultima cartada com o manifesto publicado hontem, pela imprensa, ignorando elles o preparo acurado que tivemos para affrontar essa pelega; ignorando a corrente fortiva de solidariedade que uma actualmento a phalange graphica na situação em que nos lançamos; ignorando que já possuimos uma educação de proletarios briosos e honrados, ignorando, finalmente que estamos dispostos até o ultimo dos sacrificios para levarmos de vencia as aspirações da familia graphica que de direito existiam

a ser reivindicadas pelos componentes da nossa classe.

Começada a luta, nós, com o heroismo dos fôtes, apresentamos com o peito descoberto e com a viseira erguida demonstrando a lealdade dos justos. Elles, os nossos adversarios, não tiveram o mesmo gesto de acção.

Desnorteados, sem nenhuma attitude definitiva, enrincheiados num silencio irritante, apenas procuram defensiva nos écios de uma ameaça que nada mais representa do que a prova cabal de que estamos nos avinhando dos seus ultimos reductos. Portanto, companheiros, continuemos na luta porque em pouco devemos chegar ao marco que indicará o final da victoria pela qual nos batemos. O reconhecimento da U. T. G., o "banco de bater roupa" dos srs. industriaes, embora contra vontade, será um facto, para em sua bandeira rubra de gloria, por entre as suas fraldas, os obreiros do livro e os soldados de Senefeld, se orgulhem da classe graphica de São Paulo.

Mais um pouco de luta companheiros, porque havemos de vencer, para podermos mostrar ás outras classes obreiras e aos nossos irmãos de arte de além-mar que tambem aqui os graphicos sabem defender os seus direitos e que nas suas veias corre o sangue nobre do verdadeiro proletario, que os fortificam na reacção em prol dos bens que lhes pertencem.

Nada de temor, porque a derrota do completamente com toda a sua sentir em todas as phases do seu aspectu. O unico obstaculo que temos a vencer, esmagando-o completamente com toda a nossa vontade, alma e coração, é a indifferença aparente de uma parte dos industriaes. Não será para nós um grande mal a vencer se essa indifferença vivesse somente no cerebro de cada um que a possui. Mas, não! Ella é má e de espirito maligno, porque não descaça enquanto não se intromette no meio dos que bem orientados deram acolhimento á nobre idéa que nós, os graphicos, em boa hora iniciamos.

Combatamos portanto, esse mal por processos energeticos, honestos e fundamentaes até que ella nos preste a necessaria attenção, porque a indifferença só é um perigo enquanto não se lhe mostrar por meios claros e ponderosos o erro que ella pratica na sua fórma de existir e ella depois, por certo, abandonará a pessoa em cujo cerebro fez a sua habitação propria.

Nada portanto de desfallecimentos e continuemos na luta com as forças da nossa energia uma vez que estão dados os primeiros passos para a senda da nossa victoria.

A victoria da nossa causa só depende da solidariedade dos graphicos.

O movimento dos graphicos

Realizou-se hontem, mais uma assembléa geral dos graphicos em greve á qual decorreu na maior ordem. Aberta a sessão, a Comissão Executiva explicou que, a convite, estivera em conferencia com a directoria da Associação Commercial, a qual offereceu á sua intervenção como mediadora na solução do actual conflicto.

Foram lidas pelo secretario geral as bases que a Comissão Executiva redigiu para entaboliamento das negociações para um accordo. Depois de se haver manifestado sobre o assumpto varios operarios, foram approvadas as bases dadas pela Comissão Executiva, sendo accellto o offerecimento da Associação Commercial.

Em seguida varios oradores se fizeram ouvir sobre a necessidade de ser sustentada a luta até ao triumpho das reivindicaciones da classe, todos accórdes em não capitular ante nenhuma circumstancia.

A assembléa dissolveu-se em meio de vibrantes acclamações.

— Hoje, ás 14 horas, á rua Ribeiro de Lima, 17, realizar-se-á outra assembléa.

Solidariedade

Por ter sahido publicada com algumas incorrecções, que, entretanto, não alteram o total, reproduzimos hoje a subscrição aberta pelos nossos companheiros do "Correio Paulistano".

Ei-la:

Franco	12000
Isidoro	20500
Um companheiro	20500
Del Nero	10500
Pedro	5500
Reynundo	5500
Moia	10500
Alfredo	5500
João Seita	10500
Artacho	10500
Agenor	10500
Alvaro	5500
M. Natali	5500
Carlos	6000
Della	10500
Alvaro	5500
Amendola	5500
Manolo	5500
Fl.	2500
Julio	3500
J. S.	5500
Dante	5500
M. Correa	2500
J. A. Fraga	2500
M. Santos	2500
Álido Isipito.	2500
J. Rocha	5500
Luiz Lagatta	2500
Luciano Graciano	2500
Bento Gonçalves	2500
Gastão Leal	2500
Gonçalo Braguer	2500
Benedicto S. da Cruz	2500
Nilo Renzo	6500
Biagio	5500
Lopes	5500
Rubão Barro	10500
Oscar Tertuliano	2500
Juvenal Machado	5500
Albino Maia	2500
Juvenal Costa	2500
Total	230500

O MEMORIAL

Relendo o Memorial que a União dos Trabalhadores Graphicos enviou aos donos dos estabelecimentos industriaes, para que tomassem conhecimento das deliberações tomadas pela dita União e que sejam por Elles accetadas, tanto em como muitos collegas, ficamos admirados como os srs. industriaes persistem em não querel-o reconhecer...

Qualquer coisa escrevemos em nosso favor, não faremos repetir quanto já fizemos saber; contudo, se é necessario, prompificarei a dizer alguma coisa, procurando ampliar este Memorial, para que se veja como elle não é aquelle espantallho e essa compilação de profensões inusitadas, como alguns patrões querem fazer crer.

Sem entrar em inuteis divagações, basta que Elles releiam atentamente a Circular, a primeira pagina do Memorial, pois que nella se compendia todo quanto nós desejamos e diz porque somos induzidos a requerer os melhoramentos que são especificados nas outras duas paginas.

Se os senhores Patrões, pois não a tem lido, ou não a tem comprehendido, então é outra questão; e si alguém propriamente exista que a tenha lido sem dar importancia ao seu conteúdo, o podemos crer, por quanto não se faz a primeira vez que não se seria de um escripto que se deveria em vez ler atentemente e procurar de comprehendel-o o mais integralmente possível.

Porém, os nossos Patrões são todas bravas pessoas, que sabem ler e são tambem intelligentes de ter comprehendido quanto pede o nosso Memorial e, assim sendo, é preciso dizer que elles não acreditam que nós não achamos em uma situação tão critica, em força da anormalidade do tempo presente que não sabemos mais como fazer frente ás necessidades da vida com os salarios que estamos ganhando, porque se Elles o creem que nós não podemos mais ir adiante assim, se Elles sabem que já há bastante tempo condmimos uma vida estiolada e cheia de privações, se Elles são convencidos que não é longe o dia em que o exurimento chegará ao ponto de tirar-nos a força de produzir quanto até agora temos produzido; se Elles são convencidos deste estado de coisas, digo, e persistem em não querer dar, os melhoramentos que pedimos, então esses Senhores, serão embora inconscientemente que agem assim, por mera teimosia, por espirito de querer mandar, de querer ser donos além de quanto lhes compete; todavia, embora

inconscientemente, Elles entram, assim fazendo, na categoria dos *delinquentes das classes dominantes*, já contempladas e classificadas pelos mais competentes em Economia Social, em Economia Politica, em Psychiatria Forense e em Medicina Legal, entre os quaes é bastante nomear Henrique Ferri, Carlos Gide, Caetano Angiella, o eminente advogado dos adixados Carrara e outros que deixo por brevidade.

Si, os Senhores, se vós por sorte sois proprietarios de um estabelecimento industrial, no qual trabalham diversos operarios (e por alguém podemos dizer centenas de operarios), os quaes em força das coisas, como se verifica na epocha presente, se acham a ganhar um salario insufficiente ás necessidades da vida e que appellando-se a Vós para obter um melhoramento adequado, embora o peçam com os modos os mais urbanos possiveis, Vós lh'o recusais, a Vossa recusa representa um delicto perante a Sociedade Humana, um simples delicto politico, como eram delictos aquelles que commettiam antigamente os tyrannos quando vexavam os povos a elles sujeitos; como eram delictos aquelles que commettiam os fanaticos quando aterrorizavam os povos aos motins para fins não justificaveis; como são delictos aquelles que commettem os superiores com os inferiores quando abusam da sua força, o da sua auctoridade afim de mal ou indebitamente, causar danos aos mais fracos e aos inconscientes.

E o vosso acto, senhores Patrões, de não querer conceder um melhoramento aos nossos salarios, sabeis porque torpeda-se um delicto? Porque com a vossa recusa, podreis ser causa de que esses milheiros de operarios que fazeis soffrer injustamente, se resolvessem a agir de modo diverso daquelle que estão usando, outrossim, fazendo-lhes perder a calma; então, vós, o Senhores, seriais os primeiros, antes, os unicos culpados perante o Consorcio Humano de quanto poderia acontecer e que viesse a turbar a ordem publica.

A parte tudo isso, na menudas considerações, a vossa intransigencia vos faz classificar de gente sem coração e tambem sem senso commum, porque comprazendo-vos em saber que sois tanto potentes para poder fazer soffrer centenas de familias, fazeis damno a vós mesmos, porque na gréve tambem vos tendes o vosso prejuizo immediato e tereis mais um prejuizo continuado por quem sabe quanto tempo e que não será o mais indifferente, porque se os operarios voltassem ao trabalho sem ser attendidos no seu pedido, não trabalhariam com aquella energia que pode-

riam desenvolver se estivessem satisfeitos e produziriam muito menos e mais imperfeitamente.

Senhores Patrões, quem escreve estas linhas é um operario já velho, que tem uma certa experiencia da vida e que conhece bem o ambiente trabalhador, portanto, não pode dizer-vos que umas verdades, attingidas da pratica e julgando como pessoa que se mantém neutral na causa que aguarda só o lado bom d'ella pelo bem vosso e dos operarios no Memorial, pois que dessa resolução, resultará um bem, do qual Vós produzirão mais e melhor de quanto não tem ainda feito e dessa condição de coisas, derivará que Vós ganhareis muito mais de quanto tereis previsto mesmo calculando o augmento do preco do trabalho.

Porquanto concerne o reconhecimento da União por parte de Vós, senhores Patrões, este reconhecimento não é uma coisa tão feia como vós tereis imaginando. Nós, fazemos questão que reconheçamos a União, não porque queremos nos intrinmetter na disciplina de cada officina, como alguém suppõe, ou finge, mas porque é nossa intenção, daqui em diante, tutelar a nossa classe na parte technica e moral, enquanto concerne o melhoramento da nossa arte em geral, porque queremos tirar-a do relaxamento em que ella é cahida, pois que presentemente existem officinas tão mal organizadas e em desordem a ser impossivel poder nellas trabalhar conscienciosamente.

Continúa.

A ultima cartada

Os srs. industriaes graphicos jogaram sabbado a sua ultima cartada.

O seu comunicado publicado nos jornaes de domingo é o que pôde haver de mais significativo.

Aquella linguagem quer dizer simplesmente isto: *arrumen-se*.

Agora cabe aos graphicos saber continuar a manter essa linha inquebrantavel que até hoje tem mantido, para mostrar a esses srs. que não é o seu ouro, o seu dinheiro arancado a essa enxame de laboriosos que poderá suffocar um ideal; a nossa victoria completa será questão de mais algumas horas, mais alguns dias.

Não é para menos. Quando uma classe pacifica e ordeira como é a classe dos graphicos se levanta em massa e num brado unisono reclama os seus mais sagrado direitos, não será uma meia duzia de despotas que o fará recuar da attitude assumida.

Felizmente, quem recua e terá muito que recuar ainda, não seremos nós os graphicos operarios e sim elles, os industriaes.

O publico, que com tanto in-

teresse e sympathia vem acompanhando o nosso movimento, naturalmente terá notado a desorientação desses intransigentes pelos comunicados que desde a sua primeira reunião vêm elles publicando nos jornaes.

A palavra de ordem desses cavalheiros tem sido simplesmente esta: *fechar*.

Mas si elles entendem que nos renderemos pela fome, muito errados andam elles, pois para soffremos fome trabalhando, então que a sofframos em parede, pois neste caso ainda haverá uma razão plausivel.

Carta aberta

S. Paulo, 21 de Fevereiro de 1923
Ao srs. Antonio da Cunha Freitas

Lamento profundamente que o Sr. Antonio, antigo defensor da causa operaria, tenha tratado tão mal como tratou, no dia 17 do corrente a um operario, calmo e bonzinho, pelo simples facto de lhe ter perguntado quando seria o pagamento.

O Sr. Antonio, já é conhecido por boa roda de amigos, como um homem grosseiro e estúpido, mas eu julguei que já se tivesse corrigido, mas pelo seu procedimento de sabbado, deu prova de que não se corrigiu.

Então o Sr. Antonio acha, que pelo facto de um empregado lhe perguntar o dia de pagamento, merecia ser maltratado, como foi com palavras indecorosas, e com o brutal gesto de ver sua ferramenta lançada á Rua?

O Sr. Freitas, quem é para tal fazer?

Esqueceu-se de que não passa de um simples empregado, que percebe ordenado, que talvez não mereça?

Parece até incrível, que isto succedesse em uma officina catholica, e com um homem que vive dentro das igrejas, a bater no peito; creio, que é ridiculo, o procedimento do Sr. Freitas; pois segundo me parece, os 10 mandamentos da lei de Deus commençam-se em 2. O primeiro amar a Deus, e o segundo ao proximo como a nós mesmos.

Qual o melhor meio de amar o proximo?

Segundo o meu modo de ver é não desejar aos outros o que não queremos para nós.

Mas o Sr. Freitas, entende ao contrario.

Olhe! tenha a bondade, de acceitar um conselho: procure ser correcto e educado, trate de cavar amizades e não inimizades, pois as mesmas só dão mau resultado.

Tome cuidado com a lingua, não se atreva mais a dirigir-me palavras peçadas, poi para isso não há motivo.

Tomo a defessa, desse operario victima da sua brutalidade, gulado apenas pelas bellas normas da justiça.

Amadeu Fernandes Fidalgo

Café S. Paulo

SERVIÇO ESPECIAL EM CHOCOLATE, CHA', MINGAU, QEMADAS, ETC.
— CAFÉ DA MELHOR QUALIDADE

O unico no centro que mantem o preço de 100 rs.

VINHOS, LICORES E CERVEJAS—SANDWICHES, EMPADAS E PASTEIS MANIPULADOS COM TODO O ESMERO

LARGO DA SÉ, 3

S. PAULO

MERGENTALER LYNOTIPE CO.

NEW YORK · U. S. A.

E. CAUBIT

REPRESENTANTE GERAL
PARA O BRASIL

RIO DE JANEIRO

LACTA

E

Guaraná

Espumante

Dois nomes que significam o expoente maximo da industria brasileira no Seculo XX

OLGA

CLUB

37

GOAL

— E —

Commemorativos

Os "primus inter-pares" para os fumantes de bom gosto

Restaurante São Paulo

Executa-se qualquer encomenda para casamentos, baptisados, etc.

ANDRE' REGOS

Servico à la carte e de 1.a ordem com modicidade de preços

Rua S. Thereza, 20 - Tel. Cent. 6029 - S. PAULO

Calçado D' Auria

O SUPER ELEGANTE
PREFERIDO PELAS
PESSOAS DE FINO GOSTO

Nicolau D'Auria

Rua Quintino Bocayuva N. 82

SÃO PAULO

TINTAS DE IMPRESSÃO

da afamada fabrica de

MICHAEL HUBER
MUNICH (Alemanha)

PARA TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA
CASA FUNDADA EM 1780

As melhores e as mais baratas do mercado!

Representantes e depositarios para todo Brasil:

BIONDI & CAPPUCINI - Rio de Janeiro

Nosso Representante com Deposito para o Est. de S. Paulo

P. G. BABOLIN

Rua Asdrubal do Nascimento, 81 - Telep. Central, 6255 - S. Paulo

COSTUMES DE DAMES
RIDING HABITS

C. Perrelli

TAILLEUR

Central, 1433

R. BOA VISTA, 10
S. PAULO